



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM SÍNDROME  
DE DOWN: UM OLHAR DIFERENCIADO DIANTE DE MÚLTIPLOS  
SABERES**

**SILVANE OLIVEIRA DIAS**

**ORIENTADORA: ANA CLÁUDIA RODRIGUES FERNANDES**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**SILVANE OLIVEIRA DIAS**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM SÍNDROME  
DE DOWN: UM OLHAR DIFERENCIADO DIANTE DE MÚLTIPLOS  
SABERES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,  
do Departamento de Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Ana Cláudia Rodrigues Fernandes

BRASÍLIA/2015

**TERMO DE APROVAÇÃO**

SILVANE OLIVEIRA DIAS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM SÍNDROME  
DE DOWN: UM OLHAR DIFERENCIADO DIANTE DE MÚLTIPLOS  
SABERES**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

ANA CLÁUDIA RODRIGUES FERNANDES

---

BIANCA

---

SILVANE OLIVEIRA DIAS

BRASÍLIA/2015

## DEDICATÓRIA

Ao Elias, meu marido, companheiro que sempre me incentivou e investiu em minha formação profissional.

A Laurentina, minha mãe, pelo apoio e pela compreensão das muitas horas passadas diante do computador.

Aos meus filhos Diogo e "Daniel", pela compreensão do pouco tempo para os momentos de lazer e descontração.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela alegria de poder compartilhar a esperança de um mundo mais fraterno e solidário e por me fortalecer e sustentar em todo o percurso desta caminhada.

A professora Maria Tereza, pelo incentivo e carinho no percurso desta caminhada.

A professora Ana Cláudia por me orientar nos momentos decisivos deste trabalho.

A Mayara, "nora" e amiga, sempre prestativa e encorajadora, com quem pude compartilhar as angústias e as vitórias.

Ao Diogo, meu filho, pela colaboração e ajuda durante toda minha caminhada neste trabalho.

A aluna J.E que participou da pesquisa, por me mostrar que sempre é possível ter um novo olhar sobre a educação inclusiva, acreditando que a aprendizagem não só é direito de todos, como também que o conhecimento quando oportunizado de formas variadas, ele se torna real e transformador.

As professoras participantes da pesquisa, pelo compromisso, dedicação e pelo compartilhar de seus conhecimentos.

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é investigar e refletir sobre os instrumentos metodológicos necessários colocados em prática na sala de aula e nos demais ambientes da escola para avaliar o ensino-aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down na escola regular. A investigação foi possível a partir de estudos reflexivos de vários autores sobre o tema pesquisado e de uma análise documental após ouvir 3 professores do 1º ano da referida escola. Isso se deu através de entrevista, bem como outros momentos de observação da aluna com Síndrome de Down em sala de aula e na sala de recurso multifuncional (SRM) do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os resultados destacam a relevância do processo de avaliação e as intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de alunos com Síndrome de Down, inseridos na rede regular de ensino. Além disso, para que o processo de aprendizagem ocorra com resultados satisfatórios é fundamental utilizar estratégias e instrumentos diferenciados que considerem as particularidades de cada aluno.

**Palavras-Chave:** Avaliação, Aprendizagem, Inclusão e Síndrome de Down.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	6
1 APRESENTAÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Síndrome de Down - Especificidades .....	11
2.2 Desenvolvimento humano e ensino.....	12
2.3 Avaliação.....	14
2.4 Uma Reflexão Dialógica Sobre o Ato de Avaliar .....	17
2.5 A Ação Avaliativa Como Reorganização do Saber .....	18
2.6 A Avaliação do Aluno com Síndrome de Down no Ensino Regular de Forma Inclusiva	20
3 OBJETIVOS .....	23
3.1 Objetivo Geral.....	23
3.2 Objetivos Específicos.....	23
4 - METODOLOGIA .....	24
4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia.....	24
4.2- Contexto da Pesquisa .....	25
4.3- Participantes.....	26
4.4 - Materiais .....	28
4.5- Instrumentos de Construção de Dados.....	28
4.6- Procedimentos de Construção de Dados.....	29
4.7- Procedimentos de Análise de Dados .....	29
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	30
5.1 Observação (Diário de Campo).....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS .....	41
APÊNDICES .....	44
A - Roteiro para o Professor do AEE.....	44
B - Roteiro para o Professor Regente.....	47
C - Roteiro para o Professor Monitor.....	50
ANEXOS.....	53
A - Carta de Apresentação (diretor).....	53
B - Aceite Institucional (diretor) .....	54
C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professores).....	55
D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais).....	56

## 1 APRESENTAÇÃO

Em sua história, a sociedade foi marcada por várias lutas pela igualdade de oportunidades de certos grupos sociais nela inseridos com menor prestígio e expressão, traçando assim um caminho que é construído em direção à igualdade de oportunidades para todos. Apesar da grande evolução e das conquistas de muitos desses grupos sociais, a sociedade brasileira ainda continua vivendo esse processo de construção da igualdade social. No entanto, como construir uma sociedade igualitária, quando um de seus mais importantes pilares na formação de seres sociais, a educação (representada aqui pelo sistema de ensino), apresenta falhas na inclusão de certos grupos de indivíduos?

A aprendizagem é, ou pelo menos deveria ser o foco principal do sistema de ensino, e está diretamente relacionada à aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de ideias, os quais resultam na formação de novos seres sociais. Isto é, o sistema de ensino tem a missão de receber crianças apedeadas e prepará-las de forma a entregar indivíduos capacitados para exercer seu papel social e profissional dentro da sociedade.

Dessa forma, o presente trabalho questiona e analisa se os meios de avaliação da aprendizagem adotados no atual sistema de ensino são adequados à necessidade de igualdade de oportunidades entre todos, apresentando foco na avaliação de alunos com Síndrome de Down das séries iniciais do ensino fundamental da rede pública municipal.

Adicionalmente, diante da grande falta de preparo em muitas instituições da rede pública, esta pesquisa procura realizar uma análise das peculiaridades da Síndrome de Down dentro do sistema de ensino, bem como, executar um estudo de caso através da realização de atividades com uma aluna com Síndrome de Down, estudante da rede pública municipal de Ipatinga.

Vale ressaltar que o presente trabalho pretende analisar através de observações a aprendizagem no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, isto é, o caminho percorrido através de oportunidades de estratégias significativas propiciada à criança em questão, sendo estas planejadas por meio de práticas reais voltadas para suas necessidades.

A busca pela igualdade de oportunidades é mundial, sendo um dos fatores que trazem mudanças e evolução para a sociedade em todos os setores. Nunca se falou tanto em inclusão como nos dias de hoje. A igualdade de oportunidades é uma necessidade em todos os lugares, inclusive dentro do sistema de ensino. Em minha própria experiência no ambiente escolar, cerca de treze anos, não pude deixar de notar como a forma de avaliação da aprendizagem imposta pelo sistema de ensino muitas vezes se apresenta ineficaz diante da necessidade de se



avaliar de forma justa pessoas que têm singularidades a serem consideradas no processo de ensino.

Como mencionado anteriormente, o sistema de ensino é o pilar responsável pela formação de seres sociais que comporão a sociedade. Uma vez que esses seres serão formados através de um longo processo de aprendizagem, a avaliação deve atender a todos de forma justa, buscando o desenvolvimento de cidadãos, e também a inclusão e o sucesso de todos, ainda que se trate de seres singulares totalmente diferentes uns dos outros.

Pensar em minha trajetória profissional sempre me emociona, pois sempre tive o sonho de ser professora. Por vir de uma família simples, humilde, de baixa renda familiar e que não tinha uma estrutura de educação (ensino), meu sonho se parecia bem distante inicialmente. Assim, por acreditar que o estudo até o 5º ano das séries iniciais, antiga quarta série, era primordial e suficiente, parei por aí.

Casei-me aos dezesseis anos e, desde então, meu esposo sempre me incentivara a retomar meus estudos. Então, após terminar o segundo grau (magistério), comecei a trabalhar na área da educação e logo em seguida concluí o curso superior de Pedagogia.

Parece que foi ontem e já faz treze anos que ensino e aprendo muito com meus alunos. Gosto muito do que faço e acredito que todo profissional deve fazer suas escolhas e trabalhar na área que ele acredita que ajudará não somente o outro a crescer, mas que também o fará crescer e refletir sempre sobre como fazer melhor.

Ao iniciar esse curso de especialização, retornei a minha prática educativa inicial, lembrando de momentos difíceis, porém inesquecíveis. São esses momentos que nos fazem aprender e crescer.

A aluna J.E me chamou atenção desde o primeiro momento que a vi. Sempre que possível, buscava observá-la na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE). A dedicação da professora P2 é surpreendente. A forma como ela acolhe seus alunos é apaixonante, o brilho nos seus olhos é algo mágico, e é isso que acredito que cada aluno precisa.

Diante disso, vejo que estou no caminho certo, pois a cada dia tenho mais alegria em ensinar e aprender, sabendo sempre que o aluno é um ser humano que pensa, sente e acima de tudo ama e precisa de atenção e amor.

O presente trabalho está dividido em quatro seções, sendo elas: Fundamentação Teórica, Metodologia, Resultados e Discussões e Considerações finais.

A primeira seção compreende a Fundamentação Teórica do estudo e está dividida em sete temas.

Como ponto de partida, temos primeiro – Uma breve descrição/caracterização das especificidades da Síndrome de Down. Em seguida, o segundo tópico – Abordagem sobre o Desenvolvimento Humano e Ensino. O terceiro – Avaliação, um processo que implica uma constante reflexão crítica sobre sua prática. O quarto – Uma Reflexão Dialógica Sobre o Ato de Avaliar, a avaliação como um processo que valoriza o ser humano e leva em consideração suas potencialidades individuais. No quinto – A Ação Avaliativa como Reorganização do Saber, nesse sentido a constante reflexão crítica sobre a prática avaliativa implicará no desenvolvimento de seus pontos negativos. O sexto – A Avaliação de Alunos com Síndrome de Down no Ensino Regular de Forma Inclusiva. Por fim, o sétimo – Estudo de Caso de uma aluna com Síndrome de Down inserida na rede regular de ensino.

A segunda seção abrange a Metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo, contendo a fundamentação teórica, contexto da pesquisa, caracterização dos participantes, materiais utilizados, instrumentos de construção de dados, procedimentos de construção de dados e procedimentos de análise de dados.

A terceira seção expõe os Resultados e Discussões, obtidos através do Referencial Teórico e do Estudo de Caso realizados no presente estudo.

A quarta seção finaliza o estudo com as Considerações Finais sobre as várias questões identificadas durante a realização do mesmo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Síndrome de Down - Especificidades

A Síndrome de Down consiste em uma anomalia genética e se caracteriza por uma alteração na divisão cromossômica, resultando na triplicação do cromossomo 21. Segundo Schwartzman (1999, *apud* Silva, 2011), a Síndrome de Down começou a ser estudada cientificamente a partir do século XIX, entretanto já ocorriam relatos sobre a mesma antes desta data.

De acordo com Sampaio (2012), em 1866 o médico inglês John Langdon Down descreveu e deu origem ao nome da Síndrome de Down. John acreditava que a má-formação intelectual era uma particularidade de raças inferiores denominadas mongólicas devido a semelhança física com os habitantes da Mongólia.

A autora supracitada afirma ainda que apenas em 1959 o cientista francês Jerome Lejeune, auxiliado por Turpin e Gautier, caracteriza a Síndrome de Down como uma anomalia cromossômica causada pela fato de que um cromossomo a mais se ligava ao par de cromossomos 21.

Pessoas com Síndrome de Down possuem algumas características físicas semelhantes, além disso, problemas de saúde e de aprendizado podem ocorrer de forma variada com sintomas e sinais de grau moderado a severo. Embora apresentem deficiências intelectuais e de aprendizado estabelecem boa comunicação e, podemos dizer que o nível de acometimento dos sintomas depende do estímulo oferecido pela família durante o desenvolvimento da criança.

Schwartzman (1999, *apud* Goldberg, 2002) ressalta a influência das múltiplas modificações associadas à síndrome, as quais podem ser notadas em vários casos. Ele ainda cita que a atresia duodenal<sup>1</sup>, baixa estatura, bexiga pequena, cardiopatias, comprimento reduzido do fêmur e úmero, dismorfismo da face e ombros, hidronefrose<sup>2</sup>, hiperecongenica,

---

<sup>1</sup> Atresia duodenal é uma malformação em que o duodeno (a primeira parte do intestino delgado) não se desenvolveu adequadamente, não estando aberto e não permitindo a passagem do conteúdo abdominal.

<sup>2</sup> dilatação da pélvis e dos cálices do rim, como consequência da obstrução do trato urinário.

prega palmar única e ventriculomegalia cerebral<sup>3</sup> são as principais transformações orgânicas que se apresentam junto com a síndrome.

Existem exames realizados a partir da nona semana de gestação que podem rastrear o DNA do ser intrauterino e apontar alterações cromossômicas especiais, identificando problemas como a Síndrome de Down. Estes exames alcançam a marca de 99,99% de credibilidade comprovados em pesquisas clínicas. A Síndrome de Down pode ser diagnosticada também por meio de observações das propriedades físicas do recém-nascido. (Schwartzman, 1999 *apud* Goldberg, 2002)

Conforme afirmam Hall, Bobrow e Marteau (2008):

A disponibilidade crescente desses exames transformou um evento antes incontrolável em potencialmente controlável. Há de se considerar, entretanto, que os exames nem sempre detectam todos os casos e, mais do que isso, nem todas as gestantes passam pelo processo de avaliação, o que, segundo os autores, pode afetar o ajustamento dos pais e mães à criança, fazendo com que eles atribuam culpa aos outros pelo nascimento da criança. (Hall, Bobrow e Marteau, 1997, p. 487, *apud* Henn, Piccinini e Garcias, 2008).

Desse modo, podemos perceber que, na maioria das vezes, os pais não possuem o preparo necessário para lidar com as limitações impostas à criança pela Síndrome de Down. A exigência de uma atenção especial por parte das crianças com Síndrome de Down acaba por se tornar um grande desafio para os pais. Assim, o respeito às circunstâncias peculiares no processo de construção da independência emerge, juntamente com a necessidade de acompanhamento do aprendizado, como característica crucial do processo de educação de uma criança com Síndrome de Down.

## 2.2 Desenvolvimento humano e ensino

O conceito de desenvolvimento abrange, em âmbito geral, a ideia de uma constante evolução do ser humano no que diz respeito ao campo afetivo, cognitivo, social e motor. O mesmo envolve em sua determinação não apenas o processo de maturação biológica ou genética, mas principalmente o meio/ambiente social ao qual determinada pessoa será inserida.

---

<sup>3</sup> dilatação ventricular do cérebro, sendo considerada moderada um diâmetro entre 10 e 15mm e severa acima de 15mm.

Em sua perspectiva Vygotsky (2011) afirma que:

A situação social de desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade. Determina plenamente e por inteiro as formas e a trajetória que permitem a criança adquirir novas propriedades da personalidade, já que a realidade social é verdadeira fonte do desenvolvimento, a possibilidade de que o social se transforme em individual. (Vygotsky, 1932-1934/1996, p. 264, *apud* Koshino e Martins, 2011).

A escola e a família influenciam e contribuem fortemente para o desenvolvimento humano, exercendo um papel fundamental em sua construção, transmitindo-a e auxiliando-a. Assim, a escola aborda as necessidades curriculares direcionadas à cognição e ao ensino-aprendizagem, ao passo que a família propicia as experiências afetivas e sociais. (DESSEN e POLONIA, 2007).

Dessen e Polonia (2007) afirmam ainda que a família e a escola são instituições primordiais na iniciação dos processos de evolução das pessoas, impulsionando ou inibindo o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social das mesmas. Assim, somente a escola não define o crescimento de um ser humano em sua totalidade, haja vista a grande influência exercida pela família. De uma forma geral, um ambiente onde escola e família atuam na mesma direção seria o ideal para o desenvolvimento de uma criança.

A aquisição do conhecimento não é fruto de discursos e intenções, mas sim de um trabalho sistemático, adequado à natureza biológica e cultural do desenvolvimento humano. No ambiente da sala de aula, não é somente o conteúdo que motiva, mas, sobretudo, como o professor trabalha com esse conteúdo. O desenvolvimento humano se realiza na interação com o outro, com uma aprendizagem colaborativa.

Maciel e Barbato (2010) consideram que:

A noção de que os professores devem desenvolver, em vez de simplesmente ensinar pode ser transformadora das práticas pedagógicas que se encontram no cotidiano escolar do momento. Aprender é constituir significado e ensinar não é apenas dar aula. É fazer o outro entender. O problema é que nosso ensino ainda é calcado em dar aula, passar prova, obedecendo a lógica em que o professor ensina e o aluno aprende: uma dinâmica que não corresponde exatamente à realidade, já que a aula, propriamente, ocupa cada vez menos espaço na sala de aula. (Maciel e Barbato, 2010, p.40).

O aprendizado compreende uma atividade complexa que exige do ser humano diversos procedimentos e habilidades. Para promover o desenvolvimento humano, a escola deveria partir do pressuposto de que sua experiência deve ser modificada continuamente de acordo com os estímulos recebidos, gerando um saber transformador que supera o nível inicial em que o aluno se encontrava.

Bruner (2001) afirma que:

O ensino é apenas uma pequena parte do modo como uma cultura inicia as crianças em suas formas canônicas, isto é, nos comportamentos socialmente esperados. A escola ajuda a formar traços do que se espera de um sujeito inserido em uma cultura específica e cabem a ela tarefas específicas, no sentido de constituir no educando uma relação de curiosidade e indagação com o saber. Quando este processo ocorre bem orientado, o aluno desenvolverá novos conceitos produzindo novos conhecimentos. (Bruner, 2001, P.vii)

A escola necessita urgentemente de uma transformação, onde fundamentais processos de subjetivação dos educandos, tais como o conhecimento formativo e informativo, o desenvolvimento cognitivo, a formação de sentimentos positivos como a solidariedade, dentre outros, possam acontecer.

Pois como afirma Kelman (2010):

Mas dentro da sociedade humana, somos todos singulares. Como já foi dito anteriormente, desenvolvimento humano é aqui entendido como um processo singular, dinâmico e marcado por historicidade. Cada sujeito constrói uma história que é única. Aliás, o termo indivíduo significa *um-que-não-se-divide*. Cada pessoa compõe um modelo que não se repete, embora muitas histórias individuais possam ser parecidas. (Kelman, 2010, p. 23).

Enfim, é importante enfatizar que o desenvolvimento humano não ocorre de maneira sistemática, cada ser humano possui particularidades construídas a partir da sua vivência familiar e social. Além disso, vale destacar que a principal missão do professor não é exatamente dar aula, mas sim fazer seu aluno compreender. Sendo esta diferença fundamental para que a escola reconquiste o seu lugar de um precioso contexto de desenvolvimento.

### 2.3 Avaliação

Refletir sobre o processo de avaliação é algo muito necessário na vida de todo ser humano, pois avaliamos a todo o momento independentemente do ambiente em que nos encontramos. Nós avaliamos até mesmo na execução das pequenas tarefas cotidianas, tais como lavar uma louça ou vestir uma roupa, etc.

Como não só avaliamos, mas também somos avaliados, faz-se necessário pensar nesse ato de avaliar como um ato dialógico, onde o respeito ao outro nos possibilita, no caso da aprendizagem, acolhê-lo da maneira em que se encontra e ajudá-lo a conquistar uma vida melhor.

Cesar Coll (1996) aponta esta relação entre currículo e avaliação:

... um conjunto de atuações previstas no Projeto Curricular, mediante o qual é possível ajustar progressivamente a ajuda pedagógica às características e necessidades dos alunos e determinar se foram realizadas ou não, e até que ponto as intenções educativas estão na base de tal ajuda pedagógica. Assim, a avaliação deve desempenhar duas funções: permitir ajustar a ajuda pedagógica às características individuais dos alunos por meio de aproximações sucessivas; e permitir determinar o grau em que foram conseguidas as intenções do projeto. (COLL, 1996, p.146-7)

Avaliar, portanto, é parte da ação pedagógica, e deve ser a base da reflexão sobre o processo de aprendizagem. Por isso, ela deve ser realizada em diferentes momentos e em situações variadas, respeitando a singularidade dos alunos. Considerando assim, não só o que foi aprendido durante a aula, mas tudo o que está sendo apreendido em diversos momentos e a partir de outras mediações que não sejam só aquelas decorrentes de situações formais de aprendizagem.

O diálogo proporciona uma troca de saber com o aluno, construindo uma relação acolhedora e um melhor entendimento do cenário e das peculiaridades de cada aluno. Assim, o diálogo permite uma visão individual do aluno, bem como uma adequação das atividades educacionais e métodos de avaliação, propiciando um processo de ensino-aprendizagem proveitoso a todos. De uma forma geral, a relação dialógica é um grande mecanismo de auxílio na definição do que, como e porque avaliar, permitindo a realização de mudanças das atividades educativas de forma flexível e guiando o processo de avaliação da aprendizagem.

Analisando o pressuposto acima, temos que utilizar esse processo da avaliação como um instrumento que primeiro nos ajudará a enxergar, a compreender o que o aluno precisa para depois buscar novos caminhos, novas estratégias que o ajudarão a ter sucesso em sua aprendizagem.

Assim, a avaliação deve ser sempre refletida de forma que a nossa prática educativa seja praticada vinculada com a realidade educativa do educando, contextualizando sua vivência de forma construtiva vendo a avaliação como uma travessia permanente em meios a tantos saberes, buscando assim o melhor de cada um dentro de uma educação inclusiva onde o diferente é parte de cada um de nós seres humanos, e isso é o que nos torna especial e únicos. Pois sem a diversidade, não existiria vida. Por isso, dentro de uma perspectiva inclusiva, a avaliação deve ser contínua e qualitativa analisando o dia a dia do educando com a sincera intenção que seja receptiva às diferenças. (PERRENOUD, 1999)

Avaliação é vista por Luckesi (2002) como sendo um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. É também um

processo contínuo, em constante desenvolvimento desde os primórdios da humanidade até os dias atuais e com certeza até as gerações futuras. O ato de avaliar não só está presente como também influencia a vida estudantil, a vida social e particular do indivíduo. Esta pode influenciar inclusive as escolhas futuras, a própria formação do caráter e a construção da personalidade do sujeito.

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-la ou para transformá-lo. A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações, tendo em vista uma tomada de decisão. (Luckesi, 2002, p.33).

Neste ponto de vista, a avaliação se torna um envolvente segmento da existência humana ao captar os avanços, adversidades e resistências da prática através de uma reflexão crítica. A avaliação ainda propicia julgamento dos passos necessário para se alcançar a superação dos obstáculos. Ela não deve estar focada somente no julgamento do conhecimento, porém, primordialmente, deve buscar identificar as dificuldades do educando, possibilitando ao educador conhecer esse aluno e alcançar novas técnicas que guiem os planos de ensino. Dessa forma, o docente é fortemente influenciado pela avaliação, obtendo, muitas vezes, uma identificação clara dos pontos fracos e características que precisam ser trabalhados com mais atenção.

Para que a avaliação seja considerada uma ação mediadora, é necessário que se repense a postura do educador diante do processo avaliativo. As observações feitas pelo educador em relação ao educando, constitui-se um instrumento valiosíssimo, sendo este um ponto de partida para o educador organizar suas interferências, reconstruindo assim seu planejamento.

O importante é partir dos interesses e das necessidades dos alunos em direção à ampliação de suas potencialidades. A observação e a reflexão do educador diante desse desempenho garantem a continuidade das ações educativas.

A esse propósito é fundamental a contribuição de Hoffmann (2008), a qual declara:

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu processo de construção do conhecimento. O que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas (orais ou escritas), interpretando-as, refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento, da área de conhecimento em questão, das experiências de vida do aluno. (Hoffmann, 2008, p. 62).



Nesse sentido, temos que sempre reforçar a visão de que nossa prática educativa deve se efetivar vinculada com a realidade educativa do educando, buscando contextualizar sua vivência de forma construtiva, vendo e percebendo a avaliação como uma travessia permanente em busca de oportunizar melhores condições de desenvolvimento de forma inclusiva, sendo assim vista e efetivada por todos.

## 2.4 Uma Reflexão Dialógica Sobre o Ato de Avaliar

O processo de avaliar é uma prática constante. Porém, avaliar não é uma tarefa fácil. No contexto educacional o conceito de avaliação é amplo. De acordo com Sant'anna (1998) avaliação é:

Um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático. (Sant'anna, 1998, p.29, 30).

Na concepção do autor, a avaliação demanda um olhar diferenciado entre os sujeitos da instituição escolar. Sendo de suma relevância considerar o meio em que os atores estão inseridos e, principalmente a realidade de cada um para que dessa forma seja possível minimizar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem.

Na maioria das vezes o ato de avaliar ocorre de maneira pragmática, com critérios a serem seguidos que são determinados por conteúdos programados e com um intuito que se resume em atribuir nota. Diante disso, emerge a necessidade de se repensar o ato de avaliar a fim de garantir que todos tenham a oportunidade de seus resultados serem levados em consideração e avaliados de acordo com suas potencialidades. (PERRENOUD, 1999)

Luckesi (2010) afirma que:

As notas são comumente usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, dentro de um continuum de posições, onde a maior ênfase é dada à comparação de desempenhos e não aos objetivos instrucionais que se deseja atingir. O aluno é classificado como inferior, médio ou superior quanto ao seu desempenho e muitas vezes fica preso a esse estigma, não conseguindo desvelar seu potencial. (Luckesi, 1984, p. 4, *apud* Silva, 2010).

Perrenoud (1999) sugere que a primordial finalidade do processo avaliativo é auxiliar o professor a transmitir conhecimento e o educando a adquirir conhecimento. Assim, avaliação, tanto institucional quanto da aprendizagem, possibilita um aumento da qualidade de ensino através de uma reflexão sobre a proposta pedagógica da instituição.

A avaliação deve ser compreendida e baseada num caráter interativo que ocorre durante todo o processo de ensino-aprendizagem, onde educandos e educadores se avaliam continuamente e, sobretudo despertam no educando suas melhores relações com o que fora apreendido no dia-a-dia de sua vivência escolar. Com isso, uma troca enriquecedora poderá ser estabelecida fazendo com que um saber complementa o saber do outro. A educação em si deve compreender que cada pessoa é um ser humano único, porém todos possuem suas particularidades. (FERNANDES, 2009)

Nessa perspectiva, Freire (1996) afirma que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção... Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém... (Freire, 1996, p. 25).

É importante que o docente analise e reflita sua prática pedagógica, em busca de estratégias de intervenções em prol da qualidade do seu trabalho desenvolvido frente ao educando. No processo avaliativo em que a avaliação da aprendizagem são realizadas em conformidade com a relação dos sujeitos (professor/aluno) a aprendizagem poderá ser promovida de forma mais adequada.

O estudo aponta para uma prática educativa que fundamenta o ato de avaliar como um processo que não só valoriza o ser humano, mas também acredita que toda pessoa tem o seu saber que deve ser estimulado, afim de que atinja o melhor de si de forma segura e significativa. A avaliação instiga o aluno a usar seu conhecimento de forma a buscar novas descobertas e a desenvolver a si mesmo, articulando seu saber já produzido para explorar os elementos à sua volta de várias maneiras. Assim, avaliar é estimular a criança a desenvolver seu conhecimento. (PERRENOUD,1999)

O ato de avaliar dentro de uma abordagem dialógica valoriza o que o aluno tem de melhor e acredita que o saber do aluno se da de várias maneiras, pois, o diálogo pode acontecer de várias formas, cabendo ao professor proporcionar uma comunicação significativa, estimulando o aluno a descobrir o mundo a sua volta.

## **2.5 A Ação Avaliativa Como Reorganização do Saber**

A avaliação deve ser colocada a favor da aprendizagem, enxergando o aluno como ator desse processo, respeitando sua individualidade e valorizando aquilo que ele trás de

melhor. Em outras palavras, a ação avaliativa precisa estimar o seu saber mediado a outros saberes, diante de um processo de aprendizagem que não ocorre de uma única maneira e em um só momento.

Conforme afirma Silva (2009):

Conduzir a avaliação nesse contexto implica reflexão crítica sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades e de possibilitar uma tomada de decisões sobre as "iniciativas cabíveis. Portanto, avaliar não é apenas constatar, mas, sobretudo analisar interpretar, tomar decisões e reorganizar o ensino" (Silva, 2002, p.230, *apud* Neto e Aquino, 2009).

Para que isso aconteça na prática educativa do nosso dia-a-dia o educador deve estar sempre aberto a mudanças, ao ponto de refletir sobre sua prática constantemente, redirecionando-a sempre que necessário e acreditando que assim como ele todo ser humano está sempre em constante desenvolvimento. O buscar reflexivo dessa reorganização do ensino, refletirá num saber significativo visto com um olhar diferenciado. (SANT'ANNA, 1995)

Segundo Silva (2003), a avaliação recolhe dados para um melhor entendimento do relacionamento existente entre o planejamento, o ensino e a aprendizagem, influenciando o trabalho didático desde o planejamento até a execução. Assim, a intervenção pedagógica é guiada pela avaliação, de forma a ser contextualizada e qualitativa.

Para esclarecer sobre a condição do saber, segundo Demo (2005), a avaliação:

[...] deixa de ser um ato isolado, especial e com data marcada, para fazer parte natural do processo de orientação e convivência motivadora com o aluno. [...] perde o sentido de sanção, para privilegiar a instrumentação necessária para garantir bom desempenho, progresso sustentado e aprimoramento da qualidade. (DEMO, 2005, p. 38).

Entretanto, é preciso não só compreender, mas usar a avaliação como um processo que orienta e que, assim como o desenvolvimento humano, ocorre dia após dia. A avaliação também acontece em todo decorrer do processo de aprendizagem sendo composto por início e meio, o qual nunca tem fim, pois estamos sempre em busca de um novo saber. Avaliando para melhor nos organizar e é reorganizando que refletimos e descobrimos os pontos positivos e buscamos aprimorar os pontos negativos.

Barbosa (2008) descreve o conceito de avaliação da seguinte forma:

O conceito de avaliação da aprendizagem está ligado a uma concepção pedagógica mais ampla, isto é, a uma visão de educação. Logo, o conceito de avaliação depende, portanto, da postura político-filosófica adotada. Além disso, a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor em sua interação com os alunos/classe, bem como suas relações com o aluno. (Barbosa, 2008, p.3).

Desta forma, além das muitas iniciativas didáticas, o laço afetivo que o educador cria com seu aluno também o ajudará de forma positiva em sua aprendizagem. Portanto, uma palavra, um gesto de carinho, um olhar de cumplicidade e, principalmente um elogio fará com que o aluno acredite que ele é capaz de aprender através de uma aprendizagem segura, de uma mediação condizente, onde o professor acolhe esse aluno conforme suas potencialidades. (LUCKESI, 2000)

## **2.6 A Avaliação do Aluno com Síndrome de Down no Ensino Regular numa perspectiva Inclusiva**

Os debates sobre a educação inclusiva tem sido recorrentes no contexto das políticas educacionais, cuja finalidade é inserir crianças com necessidades especiais no ensino regular. Entretanto, promover tais transformações no ambiente educacional e provocar mudanças no funcionamento dos sistemas de ensino representa um grande desafio.

Ribeiro, Lima e Santos (2009) afirmam que:

Essa tendência encontra-se respaldada por documentos oficiais de âmbito nacional e internacional, fundamentando-se na Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948), na Declaração de Salamanca (1994), e no contexto brasileiro, na Constituição de 1988, especialmente, em seu artigo n. 208, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n. 9.394/96. (Ribeiro, Lima e Santos, 2009, p. 93).

Nesse sentido, a ação pedagógica implica uma relação especial em que o conhecimento e o preparo são fundamentais. Para tanto, o educador necessita adequar sua prática pedagógica às possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem de seus educandos.

Dentro dessa mesma perspectiva Kelman (2010) aponta que:

O marco legal da inclusão garante que todos têm o direito de participar como membro ativo da sociedade, inclusive as pessoas com necessidades educacionais especiais. Educação inclusiva se refere não apenas às deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e às altas habilidades. Refere-se a todo grupo minoritário que, de uma forma ou de outra necessita de medidas educacionais diferenciadas quanto a processos de avaliação, de desenvolvimento curricular, de comunicação, dentre outros. (Kelman, 2010, p.39).

A partir disso, podemos dizer que o educador ocupa um papel provocador no intuito de problematizar a realidade do aluno de acordo com suas necessidades. Interagindo e mediando seu conhecimento de forma a amplia-lo dentro de uma perspectiva inclusiva onde todos possuem direito ao conhecimento. Podendo, portanto ser até de forma mais lenta, e com

estratégias de ensino diferenciadas, o importante é aprender seguindo o caminho que melhor atenda as expectativas de cada aluno.

Segundo Cuckle (1999, *apud* Luiz *et. al.*, 2008) a proporção de crianças com Síndrome de Down nas escolas de ensino regular tem aumentado nos últimos anos. Um dos estudos analisados pelo autor acima, conduzido na Inglaterra e País de Gales, que pesquisou 3000 crianças com Síndrome de Down com idade entre cinco e 16 anos, mostrou um aumento de 4 para 38% na inclusão destas crianças.

Neste contexto de inclusão escolar podemos considerar que o preparo dos professores para receber essas crianças é de grande relevância, uma vez que, é a partir desta relação que as possibilidades de desenvolvimento e convívio social serão ampliadas. Em geral as maiores dificuldades envolvem o desenvolvimento de uma prática educacional que considere as diferentes necessidades e potencialidades de cada aluno.

Quanto o processo avaliativo de alunos com Síndrome de Down, os educadores devem essencialmente desenvolver técnicas que busquem a valorização das potencialidades de tais alunos. A existência e utilização de um caminho claro que guiará as atividades favorece a aprendizagem. A imitação é uma das atividades mais importante que promove o conhecimento dos alunos com Síndrome de Down. A motivação configura também como um importante fator para que o educando aprenda. Quanto mais motivação a pessoa tem, mais se percebe seu desenvolvimento. Finalmente, a orientação de uma pessoa mais experiente também se apresenta como um elemento significativo no processo de avaliação de uma criança com Síndrome de Down.

O ser humano convive e depende de outras pessoas. No processo avaliativo não é diferente, sendo que muitas pessoas desempenham papéis de grande influência no crescimento da aprendizagem das crianças. Quanto maior for a participação das pessoas envolvidas no processo, tais como professores e família, bem como da criança, maior será o aprendizado. De um modo geral, tanto os professores quanto os familiares ajudam a guiar a aprendizagem. Desse modo, a criança recebe variados estímulos, porém cabe ao professor estimulá-lo com uma aprendizagem sistematizada.

Monteiro (*et. al.*, 2010) considera que:

Para a Educação Inclusiva, os conteúdos trabalhados em classe devem ter como proposta principal o desenvolvimento das estruturas afetivo-cognitivas do aluno. Esta proposta sugere ao professor uma avaliação diferenciada que levam em conta as habilidades individuais, respeita o ritmo da aprendizagem considerando limites físicos ou intelectuais. (Monteiro, *et. al.*, 2010, p.11).

Entretanto, a realidade em relação aos métodos avaliativos utilizados atualmente é bem diferente. O processo avaliativo normalmente é usado como instrumento para rotular e classificar os alunos entre aqueles que apresentam bons ou maus desempenhos, fazendo com que através dessa prática as capacidades e conquistas individuais sejam anuladas.

A necessidade de descobrir outras formas para avaliar é também a necessidade de multiplicar informações capazes de impactar o fazer pedagógico, tornando-o mais dinâmico, a fim de alcançar o momento em que os atores envolvidos com a educação se permitam sair de fórmulas prontas e redefinem a relação educador-educando. Este avanço repercutirá na educação de pessoas com necessidades educacionais especiais, porque possibilitará a verdadeira inclusão. (Monteiro, *et. al.*, 2010, p.11).

Quanto a educação inclusiva, podemos ver o professor como o responsável pela criação de uma prática didática que aborde as peculiaridades e potencialidades individuais, buscando ampliar o desenvolvimento e convívio social. Logo, enfrentamos a urgência da necessidade do desenvolvimento de espaços sociais mais inclusivos e do convívio na diversidade, nos conduzindo à necessidade de um adequado processo de avaliação da aprendizagem de crianças com Síndrome de Down.

Coelho (2010) aborda a necessidade da realização de um ajuste entre as concepções que se tem de deficiência e inclusão.

Retomo o que foi anteriormente afirmado: a inclusão deve ser compreendida como um complexo e continuado processo em que novas necessidades e mudanças são exigidas. Porém, se a deficiência é percebida como a falta ou desordem de algo inerente ao indivíduo, envolvendo características biológicas, enquanto que a inclusão tem, já, o sentido de um fato social, faz-se necessário um ajuste entre as duas concepções. (Coelho, 2010, p.58).

Diante disso, Coelho (2010) interpreta a inclusão como um processo contínuo, isto é, um processo que não tem fim, o qual sempre precisa ser trabalhado e adequado às novas necessidades que emergirem. Ele também aponta que para uma realização eficiente da prática inclusiva é importante se ter uma definição adequada de deficiência. Somente assim, poderemos ajustar a concepção de inclusão de forma a fazê-la realmente ir de encontro à deficiência.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

- Compreender o processo de avaliação e as intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de uma aluna com Síndrome de Down, matriculada na rede regular de ensino público do município de Ipatinga - MG.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar e conhecer o sistema de avaliação da aprendizagem no que se refere à avaliação de alunos com Síndrome de Down.
- Compreender como o sistema de avaliação se relaciona ao trabalho pedagógico realizado, por meio de observações das experiências escolares de uma aluna com Síndrome de Down.

## 4 - METODOLOGIA

### 4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia

A pesquisa a ser realizada, quanto à tipologia, foi bibliográfica. O estudo foi baseado numa abordagem qualitativa, com nuance descritiva e análise de materiais publicados e relacionados aos objetivos de investigação e posteriormente será realizado um estudo de caso de uma aluna com Síndrome de Down, matriculada na rede regular de ensino público do município de Ipatinga - MG.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. O autor afirma ainda que as fontes bibliográficas são em grande número e podem ser assim classificadas: livros de leitura corrente e de referência; publicações periódicas em jornais, sites e revistas; e também impressos diversos.

Para Gil (2007, p.17) a pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (Gil 2007, p.17)

Assim, a pesquisa não constitui um processo único e sem direção, mas para ser considerado como tal, o processo deve seguir um sistema racional guiado pelo problema o qual se deseja obter a solução.

Numa abordagem qualitativa, Maciel e Raposo (2010) destacam ainda que:

De acordo com esses novos paradigmas, a investigação qualitativa possui um caráter essencialmente teórico (Branco; Valsiner, 1997, 1999; Gonzálezrey, 1997, 1999). Nessa perspectiva, a teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos em seu desenvolvimento sobre a realidade estudada. (Maciel e Raposo, 2010, p.82).

Maciel e Raposo (2010) apresentam o conceito da investigação qualitativa como um processo sistemático de construção de ideias que são continuamente comparadas com outras ideias que abordam diferentes alternativas e seguem diferentes zonas de sentidos.



O objetivo da pesquisa foi inicialmente exploratório, pois pretendia identificar e compreender o processo de avaliação e as intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de crianças com Síndrome de Down.

#### **4.2- Contexto da Pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede regular de ensino público do município de Ipatinga - MG. Esta escola terá o nome fictício de Escola Municipal Lara Dias que atende alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Tendo como clientela alunos com faixa etária de 6 a 14 anos, e de acordo com o Projeto Político Pedagógico o referencial de família aqui representado é bastante diversificado valorizando assim os múltiplos núcleos familiares presentes em nossa sociedade.

Além de refletir sobre o ato da avaliação da aprendizagem, este trabalho também buscará conhecer o sistema de avaliação, tendo como suporte um estudo de caso envolvendo uma aluna com Síndrome de Down da turma do 1º ano do Ciclo inicial da alfabetização. Ainda, desenvolverá momentos de reflexão sobre o trabalho pedagógico frente a esse processo de avaliação da aprendizagem dentro desse contexto escolar e a valorização dos diversos espaços que auxilia a aprendizagens dessa aluna e de como eles são utilizados.

A escola "Lara Dias" possui 17 turmas regulares no turno Matutino, que funciona de 7:00 às 11:15 e 17 turmas no turno Vespertino com funcionamento de 13:00 às 17:15. Perfazendo um total de 1031 alunos matriculados nas turmas regulares.

Além desses estudos, a escola oferece também outros programas descritas como atividades complementares, sendo eles: Aprender Mais, Mais Educação, Acompanhamento Pedagógico e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A escola possui dois pisos. No primeiro piso (térreo) estão localizados 2 salas de aulas, 1 sala da equipe diretiva (direção), 1 sala de coordenação dos professores, secretaria, 2 salas de informática, 1 auditório destinado à eventos desenvolvidos pela escola, 1 sala de recursos multifuncional (AEE), 1 sala dos professores, 1 sala das auxiliares de serviços gerais, banheiros (masculino e feminino), cantina, refeitório, pátio, quadra de esportes e 1 parquinho. No segundo piso estão localizados: 16 salas de aulas, sala de biblioteca e banheiros.

A escolha da escola para a realização dessa pesquisa se deve ao fato de ser o meu local de trabalho, favorecendo assim de forma positiva a realização desse estudo e estabelecendo a visão de uma prática educativa que a cada ano se aprimora com novos conhecimentos, onde o saber deve ser sempre colocado como ponto reflexivo em prol de novos conhecimentos.

### 4.3- Participantes

Fizeram parte desse estudo três professoras da referida escola, sendo elas: A professora regente da turma, a monitora que acompanha a aluna, a professora da sala de recurso multifuncional (SRM) do AEE e a aluna J.E com Síndrome de Down. Vale ressaltar que a professora da sala de recursos multifuncional do AEE, em especial, contribuiu com esta pesquisa desde o início deste curso de Pós-graduação, doando sempre que precisávamos seu tempo em favor desse estudo.

A aluna com Síndrome de Down, está regularmente matriculada no 1º ano do Ciclo Inicial da Alfabetização, no turno Vespertino, a aluna tem 7 anos e esta a 2 anos nessa escola, a aluna não obteve retenção. A escolha dos demais participantes deve-se ao fato de fazerem parte da turma do 1º ano, a qual está inserida a aluna com Síndrome de Down.

Inicialmente, a pesquisa foi apresentada à escola através da Carta de Apresentação (ver anexo A) dirigida ao diretor da instituição. Logo após, a autorização da escola para a realização da pesquisa foi obtido por meio de um Aceite Institucional (ver anexo B) direcionado também ao referido diretor, que foi assinado antes do início da coleta de dados.

Posteriormente, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo C) foram assinados pelos professores e entregue os questionários das entrevistas semi-estruturada (ver apêndices A, B e C). Em seguida, foi definida a possível data prevista para a realização das entrevistas.

Os participantes dessa pesquisa foram identificados através dos nomes fictícios P1, P2 e P3, sendo:

- **P1** - Professora regente da turma;
- **P2** - Professora da Sala de Recurso Multifuncional (AEE)
- **P3** - Professora monitora;

Diante disso, os entrevistados são apresentados no quadro abaixo:

**Quadro 1: Dados para identificação dos participantes:**

Participantes	Idade	Sexo	Estado Civil	Formação	TP	TFE
Entrevistado 1 (P1)	45	F	Casada	Magistério, Pedagogia e Pós em Gestão Administrativa da Educação.	18 anos	2 anos

Entrevistado 2 (P2)	51	F	Casada	Magistério, Pedagogia, Especialização em Educação Inclusiva e Especialização "Tutoria para Educação a distância."	28 anos	3 anos
Entrevistado 3 (P3)	30	F	Solteira	Cursando o 6º Período do Curso de Pedagogia.	1 ano	1 ano

Legenda:

TP: **Tempo que trabalha como professora**

TFE: **Tempo que exerce esta função nesta escola**

Os três participantes apresentados no quadro 1 são todos do sexo feminino, possuem idades variadas, sendo: 45 (quarenta e cinco), 51 (cinquenta e um) e 30 (trinta) anos. Duas das entrevistadas já possuem um tempo de carreira na área da educação bastante produtivo, diferenciando assim em relação a P3 que esta iniciando sua vida profissional na área educacional.

Com isso, percebemos que apesar da área educacional ser uma profissão pouco valorizada, ainda existem muitos profissionais em início de carreira. Porém, quanto ao quesito de tempo que exercem esta função na escola referida, elas se aproximam bem, ambos em torno de até três anos de atuação, sendo: P1 dois anos, P2 três anos e P3 um ano.

Quanto ao nível de formação duas participantes são licenciadas de acordo com suas respectivas funções. Além da graduação uma já é pós-graduada e a outra já tem especialização. Ter profissionais habilitados é relevante, mas assim como a P3 precisa de momentos de estudos constantes para desenvolver sua prática educativa, as demais não fogem à regra, pois, mesmo com formação e especialização nas áreas do conhecimento, todo educador sempre necessita de estudos constantes, buscando assim refletir sobre sua prática educativa do dia a dia em sala de aula. Buscando aprimoramento de seus conhecimentos e de suas estratégias de ensino em seu fazer pedagógico.

Um ponto relevante e positivo que me chamou a atenção é o fato da P2 (professora da sala de Recurso Multifuncional do AEE) ser a mesma pessoa atuante nos dois turnos o que proporciona um melhor entrosamento, relacionamento entre os demais professores pesquisados, como também da autora dessa pesquisa.

#### 4.4 - Materiais

Foram utilizados como materiais:

- equipamento de gravação em vídeo;
- equipamento de gravação em áudio;
- máquina fotográfica (para registro das situações cotidianas da aluna para posterior análise dos dados coletados).

#### 4.5- Instrumentos de Construção de Dados

A pesquisa teve como instrumento um estudo efetivado por meio das entrevistas semi-estruturadas aplicada às professoras e da observação da aluna em sala pela professora autora desse trabalho.

A entrevista aconteceu no próprio ambiente profissional, disponibilizando assim meu tempo de coordenação em prol desse estudo para maiores contatos com a aluna observada na sala do AEE. Construindo assim, enquanto pesquisadora, conhecimentos sobre a realidade educativa da aluna. Para tanto foi primordial, não só a busca pela fundamentação teórica, como também muito esforço e dedicação. E para exercer essa dedicação fez se necessário observações para posterior análise e julgamento daquilo que buscamos compreender dentro do processo avaliativo.

E como sabemos quanto maior a busca, maior será a compreensão das informações.

Esses novos modelos de ciência permitem gerar visibilidades diferentes de uma realidade complexa, uma vez que o conhecimento dessa realidade é sempre visto como parcial e relativo, não existindo nenhum conhecimento na história da humanidade que seja absoluto e universal. A produção científica, então, depende da capacidade do homem de dar conta de um objeto, sendo que o que a produção científica tem, na verdade, é um pensamento, é uma linguagem e uma possibilidade conceitual em um momento histórico concreto. (Maciel e Raposo, 2010, p.79).

Portanto, pensar em construção de conhecimentos científicos, é pensar conhecimento sobre o sujeito que se coloca, que dialoga, que se implica em algo que quer conhecer, que se expõe ou não e que tem uma capacidade de representação.

#### **4.6- Procedimentos de Construção de Dados**

A entrevista aconteceu em vários espaços da instituição escolar, devido à necessidade de envolver todos os corresponsáveis pelas informações precisas, como: preenchimento de documentos que permitem a realização da pesquisa, definição do local doado para as posteriores entrevistas, sendo esse o espaço da sala do AEE, e a observação da aluna com Síndrome de Down na sala do 1º ano do ciclo inicial da alfabetização.

Muitos desses momentos ocorreram no turno vespertino, por ser o momento em que a aluna participa da aula na turma regular de ensino e por ser um horário disponível para a autora, já que a mesma trabalha somente na parte da manhã. Porém algumas vezes, a análise e reflexão dos dados, assim como a observação da aluna com Síndrome de Down na sala do AEE, e muitas conversas com a P2 aconteceram no meu próprio horário de trabalho, Sendo estes no momento de coordenação, ampliando meu conhecimento sobre os fatos investigados, confirmando assim minhas hipóteses em prol de uma melhor solução ao meu campo de investigação.

#### **4.7- Procedimentos de Análise de Dados**

Com relação à análise dos dados, os mesmos foram construídos em dois momentos. Inicialmente buscou-se realizar um levantamento bibliográfico no intuito de adquirir embasamento teórico acerca do tema estudado, obtendo dessa forma segurança e preparo para ir a campo.

Em seguida, observado as disponibilidades e condições adequadas, as informações foram coletadas através da realização de entrevistas com a aplicação de questionários junto aos professores P1, P2 e P3, conforme qualificação no Quadro 1 do item 4.3. Além disso, foram realizadas observações da aluna com Síndrome de Down na sala do AEE.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados permitiu obter informações relevantes acerca do tema abordado neste estudo, as mesmas serão apresentadas a seguir com base nas observações e nas entrevistas realizadas.

As informações e o posicionamento dos professores com relação à aluna J.E com Síndrome de Down foram coletados através de perguntas para a identificação de cada participante, envolvendo o tema avaliação da aprendizagem numa perspectiva inclusiva e permitindo assim maior liberdade aos entrevistados ao expor seus conceitos. Tais questões foram elaboradas com o objetivo de analisar os meios de avaliação da aprendizagem adotados no atual sistema de ensino com foco específico voltado para a aluna J.E.

Em referência à questão das estratégias utilizadas para auxiliar aprendizagem da aluna as professoras P1, P2 e P3 relataram elementos semelhantes que estão voltados principalmente para o desenvolvimento da linguagem de J.E, sendo elas, atividades planejadas de forma coletiva pelas educadoras.

P1: Músicas, materiais manipuláveis, jogos de encaixe, quebra-cabeça, cores, bolinhas de papel, rasgar e recortar papéis, além de histórias e rodinhas.

P2: A aluna tem sete anos e não fala, portanto as estratégias são para desenvolver a linguagem, coordenação motora fina e ampla. Ouvindo músicas, diferenciando barulhos (sons animais, etc.), jogos, pranchas de comunicação, recorte, colagem, uso das tecnologias.

P3: Atividades planejadas pela equipe pedagógica, livro didático, jogos pedagógicos e outros.

Percebe-se que as estratégias adotadas por P1, P2 e P3 possuem como principal objetivo a promoção do desenvolvimento de J.E, os instrumentos utilizados são diferenciados, considerando as particularidades da aluna e dessa forma facilitam o processo de aprendizagem. O que reafirma a visão dos autores Maciel e Barbato (2010, p. 40) de que os professores devem desenvolver em vez de simplesmente ensinar, englobando assim uma ação transformadora das práticas pedagógicas que se encontram no cotidiano escolar. Adicionalmente, as estratégias vão de encontro com as ideias de Monteiro (*et. al.*, 2010) que considera os jogos, que foi uma estratégia apresentada por todas as professoras, como um ótimo auxílio para a aprendizagem. Monteiro (*et. al.*, 2010) ressalta também a necessidade de atividades diferenciadas e adequadas que respeitem o tempo de aprendizagem de cada aluno; o que percebemos ser atendido pelas professoras através das estratégias utilizadas.

Quanto aos instrumentos utilizados para a avaliação da aluna J.E:

P1: Observação diária durante a realização das atividades propostas pela professora e monitora.

P2: Registros diários e descritivos.

P3: Avaliação diária e contínua, atividades específicas.

Assim, observamos a apresentação de instrumentos relevantes à uma avaliação inclusiva, uma vez que durante o processo de avaliação de alunos com Síndrome de Down é fundamental que os professores desenvolvam métodos que valorizem suas potencialidades, além de instrumentos que possam identificar seus avanços e apontar os pontos que precisam ser melhorados. Podemos perceber também uma concordância com Kelman (2010, p. 39) que afirma que a inclusão de uma forma ou de outra necessita de medidas educacionais diferenciadas quanto ao processos de avaliação, de desenvolvimento curricular, de comunicação, dentre outros.

Com relação ao tema da contribuição da avaliação da aprendizagem para o desenvolvimento da aluna J.E. tanto P1 quanto P2 e P3 consideraram como positivo.

P1: Sim, pois ao perceber que a aluna não conseguiu alcançar o que foi proposto na atividade, novas atividades são planejadas abordando o mesmo objetivo, colaborando com o desenvolvimento da aluna.

P2: Sim, através da avaliação que percebemos os avanços e o que precisa melhorar. Planejamos estratégias e recursos para que a aluna possa continuar desenvolvendo suas habilidades.

P3: Sim, porque ao avaliar a aprendizagem podemos ver o conteúdo que precisa ser mais trabalhado e novos conteúdos a ser ministrado.

Através da avaliação percebem os avanços e os pontos a serem desenvolvidos com referência à aprendizagem da aluna. Com isso estratégias e recursos são planejados para que J.E desenvolva continuamente suas habilidades, o que ressalta uma ação reflexiva constante sobre o ato de avaliar. Tais contribuições apontadas pelas professoras P1, P2 e P3 estão de acordo com a concepção de Silva (2009) ao considerar a importância da interpretação, da tomada de decisões e da reorganização do ensino dentro do processo de avaliação.

Outro tema questionado foi se a aluna corresponde às expectativas em relação às estratégias aplicadas.

P1: Corresponde, todavia no tempo dela que é diferente de uma criança dita "normal".

P2: Sim, mas algumas estratégias precisam ser modificadas para melhor atendê-la.

P3: Sim, hoje a aluna identifica e pronuncia quase todas as vogais, faz os traços das vogais A e O.

De maneira semelhante todas responderam que apesar de suas particularidades, as quais na maioria das vezes exige que as estratégias sejam modificadas, J.E apresenta evolução no desenvolvimento. Dessa forma, as professoras reconhecem que J.E está se desenvolvendo, mas que o processo precisa ser continuamente adaptado às suas características especiais para que esse desenvolvimento não seja perdido. Ideia esta que pode ser confirmada por Coelho (2010), Luckesi (2002) e Perrenoud (1999) que definem a inclusão como um processo continuado, isto é, um processo que não tem fim, o qual sempre precisa ser trabalhado e adequado às novas necessidades que surgirem.

Foi perguntado para P1 se a parceria do ensino da sala de recursos multifuncionais auxilia em seu trabalho e de que forma:

Sim, pois sempre recorro à professora quando tenho dúvidas acerca da aprendizagem da aluna.

Para P2 foi perguntado se a parceria do ensino do professor regente auxilia no seu trabalho na sala de recursos multifuncionais e de que forma:

Sim, as atividades desenvolvidas pela professora regente com todos os alunos permite a aluna J.E desenvolver a comunicação, socialização e o aprender com os colegas.

Enquanto para P3 foi questionado se a parceria do ensino do professor regente auxilia no seu trabalho na sala de aula com a aluna e de que forma, além disso, em que contribui o professor da sala de recurso multifuncional:

Trabalhamos em conjunto e hoje temos nosso resultado com a aluna. O empenho e disponibilidades das coordenadoras para o trabalho em conjunto com a aluna é satisfatório e hoje colhemos o desenvolvimento da aluna.

Percebe-se que o trabalho em equipe, bem como o comprometimento de cada um dos profissionais envolvidos no processo de desenvolvimento de J.E, é fundamental para a obtenção de resultados positivos com relação à aprendizagem da aluna. Monteiro (*et. al.*, 2010) confirma a importância desse trabalho em equipe no processo de ensino-aprendizagem ao apontar a necessidade de se multiplicar informações que possam trazer um impacto à execução do planejamento pedagógico, de forma a deixá-lo mais dinâmico. Ele afirma ainda que este dinamismo possibilitará a verdadeira inclusão de indivíduos com necessidades



educacionais especiais, ao permitir aos educadores utilizar algo além das fórmulas prontas, redefinindo a relação com o educando.

Foi questionado se as professoras gostariam de destacar algo sobre o processo avaliativo, ou outros fatores que consideram relevantes dentro de suas práticas do dia-a-dia com a aluna.

P1: Gostaria de destacar que é essencial a inclusão de alunos com Síndrome de Down, pelo fato de possibilitar a socialização com o restante da turma, mantendo sempre um bom relacionamento com seus colegas.

P2: A avaliação é constante e diária, percebemos o avanço da aluna a cada dia, cada gesto e cada atividade. Devemos sempre compará-la com ela mesma e ter a sensibilidade para perceber suas conquistas.

P3: O trabalho é repetitivo, é preciso ter paciência e por meio da observação.

Vemos assim, que o processo avaliativo poderá ocorrer de forma variada e com estratégias de ensino diferenciadas. O educador deve problematizar a realidade do aluno de acordo com suas necessidades, a partir disso, aplicar seu conhecimento dentro de uma perspectiva inclusiva onde todos possuam acesso ao conhecimento. Mais uma vez, podemos observar uma concordância com os trabalhos de Coelho (2010), Luckesi (2002) e Perrenoud (1999) ao afirmarem que a inclusão é um processo contínuo, bem como com as ideias de Demo (2005) que garante que o processo avaliativo não consiste de um ato isolado com data marcada, mas sim de um procedimento natural de orientação e convivência com o aluno.

Foi questionado de que forma avaliam o aluno com Síndrome de Down e o que percebem como práticas mais adequadas e exitosas para esses alunos.

P1: Avalio como uma criança que dentro de suas particularidades consegue assimilar o que é proposto, além de serem sensíveis. Dentre as práticas mais adequadas estão as que envolvem músicas e histórias.

P2: A avaliação é constante e diária, através de registros descritivos, ressaltando avanços e dificuldades.

P3: As práticas devem ser trabalhadas de acordo com as capacidades cognitivas da aluna e de acordo com o momento, pois as vezes está agitada ou lenta.

As respostas apresentadas pelos entrevistados demonstram que os mesmos procuram desenvolver uma prática pedagógica que considere as diferentes necessidades e potencialidades individuais. Esta perspectiva é apresentada também por Hoffmann (2008) ao apontar a exigência de uma observação individual dos alunos nos processos de avaliação, de forma a possibilitar o foco no procedimento de construção do conhecimento de cada um. O

autor supradito ressalta também a importância de uma relação direta com o aluno através de variadas atividades, o que podemos, claramente, perceber no trabalho das professoras aqui entrevistadas. Entretanto, Hoffmann (2008) ainda apresenta influência sobre o processo avaliativo de uma reflexão e investigação teórica dos motivos das respostas ou soluções apresentadas pela aluna. Entender o porque de uma específica resposta do aluno, pode ser um fator importantíssimo a ser considerado na elaboração de atividades mais adequadas à aprendizagem e avaliação da aluna, bem como é uma ideia interessante e que foi abordada pelas professoras no processo de avaliação.

Ao final da entrevista, as entrevistadas foram questionadas sobre o significado de avaliação, onde as mesmas puderam relatar seu ponto de vista em relação ao significado da palavra "Avaliação".

P1: Avaliar é uma forma de verificar o que o aluno consolidou e para o professor perceber se sua metodologia, estratégia e planejamento favoreceu ao aluno agregar novos conhecimentos ou não; avaliar proporciona ao professor ação – reflexão – ação.

P2: A avaliação em uma instituição escolar é diagnosticar as habilidades e potencialidades dos alunos bem como as dificuldades que precisam ser sanadas.

P3: Estratégias para verificar a aprendizagem do aluno podendo ser qualitativa ou quantitativa. Através da avaliação verificamos também a atuação do professor, o trabalho dele, porque se o aluno não foi bem o professor pode mudar a sua metodologia para alcançar um resultado melhor.

Os significados atribuídos ao tema avaliação, no geral, estão ligados ao conceito de verificar a eficácia dos meios utilizados no processo de aprendizagem. A partir dos resultados obtidos as estratégias poderão ser adaptadas considerando as particularidades de cada aluno. Visão esta que estabelece uma concordância com os trabalhos de Coelho (2010) e Luckesi (2002), ao considerarem a avaliação como processo contínuo e que influência nas tomadas de decisões e, dessa forma, guia a adaptação do meios de avaliação as singularidades dos alunos. Ainda com Perrenoud (1999), ao exprimir a necessidade de uma análise e adequação diárias da avaliação de forma que esta seja receptiva às diferenças, e com as ideias de Barbosa (2008) e de Coll (1996), ao abordarem a avaliação como um importante meio de se verificar a eficácia do projeto pedagógico, bem como de se ajustar esse projeto às peculiaridades dos envolvidos.

Os resultados obtidos assinalam a relevância do processo de avaliação e as intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de alunos com Síndrome de Down, inseridos na rede regular de ensino. Para que o processo de aprendizagem ocorra com resultados satisfatórios é fundamental utilizar estratégias e instrumentos diferenciados que

auxiliam no mesmo. A avaliação da aprendizagem pode ser realizada de uma maneira diferenciada, com base na observação diária do desenvolvimento e considerando as particularidades de cada aluno. Além disso, deve ocorrer de maneira dialógica e reflexiva, no intuito de identificar constantemente se as estratégias utilizadas estão atingindo os resultados esperados.

Por meio das entrevistas realizadas com os professores e dos registros de observação da aluna J.E. com Síndrome de Down, os professores relataram estratégias e instrumentos diversos: jogos e as pranchas de comunicação, que o professor pode desenvolver para assegurar os direitos de aprendizagem de todos os alunos numa perspectiva inclusiva. Porém, como vimos, as estratégias dependem das especificidades de cada criança e da sensibilidade do professor ao acolher e observar esse aluno, oportunizando-o a caminhar "junto" com os demais colegas (mesmo que de forma mais lenta) experimentando diferentes estratégias e até mesmo repetindo-as ou modificando-as sempre que considerar necessário, ampliando assim o nível inicial de aprendizagem da referida aluna.

Percebemos que há necessidade de uma formação continuada e a urgente necessidade das Secretarias de Educação de cada município, oferecerem aos seus professores cursos de capacitação numa perspectiva inclusiva, ajudando-o a não só ter um olhar diferenciado, como também oferecer as crianças com deficiência intelectual, dentre elas as com Síndrome de Down, oportunidade de igualdade de uma educação que se faz para todos, garantindo assim os direitos de aprendizagem. Assim, faz-se urgente investir na formação do professor, enquanto agente atuante do processo ensino-aprendizagem dentro de uma educação inclusiva.

## 5.1 Observação (Diário de Campo)

O presente trabalho realizou observação e registro de campo com o objetivo de conhecer um pouco da rotina diária da aluna JE a qual foi observada desde o início do curso de pós graduação por despertar o interesse da autora. Foi desenvolvido um trabalho de campo que teve como instrumento a observação da aluna para posterior relato descritivo sobre a mediação do desenvolvimento focando em sua aprendizagem.

Kelman (2010) acrescenta ainda que:

Aprendizagem é, portanto, uma atividade contextualizada que também ocorre em outras instituições, como o lar ou o trabalho, mas que ocorre fundamentalmente na escola, onde os motivos dos alunos, seus valores e significados contribuem para a atividade de aprendizagem. Os significados e valores são negociados, renegociados e compartilhados nas interações que ocorrem dentro do contexto escolar. (Kelman, 2010, p.45)

Assim, Kelman (2010) mostra que a atividade de aprendizagem não é realizada somente na escola, mas também em várias outras instituições, como o trabalho. Ele ainda destaca que esta atividade quando contextualizada na escola sofre influências de vários fatores externos, tais como os motivos e valores dos alunos.

Desse modo, com o objetivo de conhecer as formas de inclusão de alunos com deficiências nas escolas regulares, nos dias 02 e 03 de junho de 2015, visitei a Escola Municipal "Lara Dias" (nome fictício) para uma conversa com alguns participantes da comunidade escolar, foi realizado a observação de uma aluna com Síndrome de Down matriculada na escola, coleta de informações a respeito da inclusão da aluna e também exposição de opinião enquanto estudantes, com intuito de compartilhar conhecimentos.

Os participantes da comunidade escolar afirmaram que na escola havia 09 crianças incluídas sendo uma delas a aluna JE a qual, além da professora regente, conta com o auxílio de uma monitora e o atendimento no A.E.E duas vezes por semana durante 2 horas no contra turno. Assim, a aluna foi observada na sala do AEE e na sala de aula com a professora regente e a monitora.

Segundo a professora do AEE, durante as aulas são realizadas atividades que proporcionam o desenvolvimento da fala, psicomotricidade, coordenação motora fina, esquema corporal, percepção auditiva e visual, noções de higiene pessoal (uso do banheiro) e independência nas atividades de vida diária. As atividades são as mais variadas utilizando

vários recursos como: Massinha, blocos lógicos, giz de cera, lápis de cor, tinta, pincel, bola, livros de história, música, bolinhas de sabão, balão, diversos jogos e computador.

Através de observações diárias constatou-se que a aluna ao ingressar na escola apresentava dificuldades na fala (somente emitia alguns balbucios), seus desenhos estavam na garatuja, tinha dificuldades em coordenação motora fina, andar desordenado e não possuía o controle esfinteriano.

Ainda, foi possível perceber avanços tais como o começo da aquisição do controle vesical, aquisição de firmeza ao segura no lápis, desenvolvimento da capacidade de fazer traçados em linha reta, identificar figuras iguais, reconhecer e percorrer os espaços da escola, alimentar-se sozinha, brincar com autonomia, montar brinquedos de encaixe e cumprir os horários estabelecidos, começar a pronunciar (do seu jeito) algumas palavras como "Mãe" e "tia", bem como identificar e pronunciar as vogais: A - O - U.

A segunda visita ocorreu no dia 03 de junho, e nela foi realizada, mediante a autorização da direção da escola, a observação da aluna em sala de aula com a professora regente e no pátio durante o recreio. A visita teve início às 13h30min e se encerrou às 16h.

A professora confirmou as informações a respeito de J.E enfatizando a sua alegria, interesse e também o ótimo relacionamento com os colegas. Falou da sua preocupação ao constatar que faz pouco pela aluna devido ao atendimento aos demais na turma. Disse que conta muito com o apoio do AEE e da monitora da aluna, além de admitir que nem sempre oferece a aluna um atendimento diferenciado e que tem pouco conhecimento sobre as condições da aluna.

Declarou ainda ser de suma importância desenvolver momentos de pesquisas de estudos que enfatizam e esclarecem sobre as reais necessidades de alunos com Síndrome de Down, e na busca de novas estratégias que auxiliam na aprendizagem da mesma. Disse ainda que mesmo sendo difícil a possibilidade de encontros dela e da professora do AEE devido a horários de coordenação diferenciados, elas sempre buscam uma forma de dialogar (no início do turno-entrada e até mesmo dentro do carro na hora de ir e vim para o trabalho) sobre a aluna e pontuar pontos e formas de estratégias que melhor atenda a necessidade da aluna. Com isso percebe-se uma parceria entre as professoras e monitora no trabalho educativo da aluna de forma cooperativa.

Através das observações da aluna no pátio durante o recreio, foi possível perceber o carinho e cuidados que ela recebia dos colegas. Em momento algum foi notada a sua exclusão durante as brincadeiras. Quando ela passava á frente dos outros na fila para pular corda, as crianças se divertiam e não se incomodavam. Segundo à professora regente, os mesmos

sabiam das condições dela e a respeitavam. Os funcionários da escola mencionados anteriormente mencionaram ainda sobre a falta de acessibilidade da escola já que há escadas e assim, a falta de rampas para acesso ao segundo piso não são adaptados. A equipe se mostrou aberta a mudanças e conscientes da responsabilidade na inclusão.

Também foram destacados os pontos positivos no atendimento da aluna e a necessidade de cobrar dela as regras, ainda que seja aceita pelas crianças. A visita foi relevante, pois a observação efetiva na escola nos instiga a buscar novas estratégias de atendimento a estas crianças, percebendo-se a importância de uma posição mais responsável do Professor regente e da necessidade de orientação à toda a comunidade escolar.

Pude constatar de forma significativa os avanços obtidos pela aluna J.E e a forma como as professoras P1,P2 e P3 avaliam seu rendimento, sendo estes através de observações diárias e intervenção nas atividades desenvolvidas pela aluna.

Percebi que a professora regente P2, procura ministrar suas aulas tendo sua fala de forma pausada para melhor compreensão das informações por parte dos alunos, em especial da aluna J.E e ainda que a aprendizagem da aluna se dá com os pares de forma colaborativa e por imitação da aluna, tanto dos professores quanto dos pares. Os avanços adquiridos pela aluna J.E se devem ao espaço educacional da escola, uma vez que a aluna não participa de nenhuma outra atividade fora do espaço da escola.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender e realizar o processo de avaliação e intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de alunos com Síndrome de Down não constitui uma tarefa fácil, principalmente no que diz respeito a uma atuação reflexiva e dialógica sobre a prática inclusiva.

Este estudo aprofundou as questões relacionadas à avaliação do processo ensino aprendizagem, tanto no âmbito das teorias visitadas para maior compreensão do assunto, como no conhecimento e na análise das práticas avaliativas de 3 professores de uma turma do 1º ano do Ciclo Inicial da Alfabetização, tendo nosso olhar voltado para a aprendizagem específica da aluna J.E com Síndrome de Down. A oportunidade de refletir e consolidar as práticas dos professores aqui envolvidos, serviu como um estimulante exercício acadêmico que aliou teorias à prática no desenrolar do ato de avaliar como um exercício importante que vai além de medir para o conhecer através de uma observação que se dá no dia a dia.

Portanto, a avaliação deve estar presente em todos os momentos da vida escolar dos alunos, sendo ela compreendida como uma estratégia para realizar diagnósticos, estes com intenção de fornecer informações precisas, identificar problemas e, o mais importante ao identifica-los, contribuir de forma positiva para o redirecionamento do processo educativo.

Além disso, certamente há ainda outras estratégias, outros caminhos, outras formas que se revelam no dia a dia do ato de avaliar. Pois, a cada ano, a cada turma temos aprendizagens diferentes que enriquece não só o aluno como também o professor. E são essas descobertas que nos instiga a acreditar que mesmo sendo alvo de muitos estudos e reflexões, a avaliação merece nossas sinceras considerações, pois a cada dia que passa ela se coloca a favor de um ensino que busca sistematizar a melhor maneira, o melhor caminho em prol de um ensino de qualidade para todos.

Por isso, um professor que esteja preocupado que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconscientemente e sem reflexão. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente estará encaminhando os resultados de sua ação.

A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário terá que ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento decisório a favor da competência de todos para a participação democrática na vida social.

Avaliando o objetivo da pesquisa, que foi compreender o processo de avaliação e as intervenções pedagógicas voltadas para a aprendizagem de uma aluna com Síndrome de

Down, matriculada na rede regular de ensino público do município de Ipatinga - MG, fica evidente que o objetivo mencionado foi atingido. De acordo com os objetivos da pesquisa, pode-se dizer que as intervenções pedagógicas desenvolvidas pelas professoras P1, P2 e P3 atendem as expectativas de aprendizagem da aluna, onde o processo de avaliar não acontece no final do processo e sim a todo momento do mesmo. Sendo a aluna avaliada de acordo com suas especificidades, com um planejamento individual flexível elaborado para esta aluna.

Percebe-se assim que ambos os professores demonstram ter uma visão clara da verdadeira inclusão e que a busca pelo desconhecido e a persistência, nos mostra que nossa luta nunca é em vão e que quando acreditamos tudo da certo. Tudo depende da forma como enxergo as coisas, podendo ser colorido ou preto e branco.

As demandas que envolvem a avaliação da aprendizagem são imensas, principalmente no que diz respeito a uma avaliação inclusiva e que respeita as particularidades de cada um. Apesar dos pequenos avanços em relação à prática da avaliação é perceptível que a maioria das escolas e profissionais não se encontram preparadas para lidar com essa realidade. Recomenda-se um estudo mais aprofundado em relação ao processo de inclusão de alunos com Síndrome de Down em outras escolas regulares, a fim de que trabalhos efetivos sejam realizados no intuito de identificar como estão ocorrendo a avaliação da aprendizagem desses alunos.

Trabalhos futuros podem estudar o processo avaliativo e a inclusão de educandos com outros problemas paralelos à Síndrome de Down. Também propõem-se para futuros trabalhos um estudo, similar e complementar ao presente trabalho, da avaliação e da inclusão em escolas das redes pública e privada estadual e federal, bem como da rede privada municipal.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jane Rangel Alves. A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador. *Democratizar*, v.II, n.1. Jan/Abr 2008. Instituto Superior de Educação da Zona Oeste/ Faetec/ Sect - RJ. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/progesus/files/2011/04/BARBOSA-JRA.Avalia%25C3%25A7%25C3%25A3o-da-aprendizagem-como-processo-interativo.pdf>. Acesso em: 15/09/2015.

BRUNER, J. S. A Cultura da Educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COELHO, Cristina M. Madeira. Inclusão escolar. In MACIEL, Diva de Albuquerque; BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

COLL, Cesar. O construtivismo na sala de aula. São Paulo, Ática, 1996.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 10/09/2015.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos práticas e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed, Atlas. São Paulo, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDBERG, Karla. Goldberg, K. (2002). A percepção do professor acerca do seu trabalho com crianças portadoras de autismo e síndrome de Down: um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5434/000470793.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03/09/2015.

HENN, Camila Guedes; PICCININI, Cesar Augusto; GARCÍAS, Gilberto de Lima. A Família no Contexto da Síndrome de Down: revisando a literatura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 485-493, jul./set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a09>. Acesso em: 03/09/15.

HOFFMANN, Jussara; JANSSEN, Felipe da Silva; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

KELMAN, Celeste Azulay. **Sociedade, educação e cultura**, Editora. In: MACIEL, Diva de Albuquerque; BARBATO, Silviane. *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010. P. 11 – 50.

KOSHINO, Ila Leão Ayres; MARTINS, João Batista. *Questões do Desenvolvimento Infantil em Vigotski e seus Desdobramentos para Educação*. Curitiba, 2011. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1960701/Quest%C3%B5es\\_do\\_desenvolvimento\\_infantil\\_em\\_Vigotski\\_e\\_seus\\_desdobramentos\\_para\\_educa%C3%A7%C3%A3o](http://www.academia.edu/1960701/Quest%C3%B5es_do_desenvolvimento_infantil_em_Vigotski_e_seus_desdobramentos_para_educa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 05/09/2015.

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Avaliação da Aprendizagem Escolar – Estudos e Proposições*. 22ª edição Cortez Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa; BORTOLI Paula Saud; SANTOS, Milena Floria; NASCIMENTO, Lucila Castanheira. A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. *Rev. bras. educ. espec.* vol.14 no.3 Marília Sept./Dec. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382008000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000300011)>. Acesso em: 05/09/2015.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Miriam Barbosa Tavares. **Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão**. In: MACIEL, Diva de Albuquerque; BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

MONTEIRO, Francisca de Jesus; MACHADO, Ludmilla Muniz; FERREIRA, Maria da Glória Santos; MENDONÇA, Maria do Socorro Cardoso Soares; LOPES, Teresinha de Sousa; MONTE, Patrícia Melo. Reflexões sobre a Avaliação na Escola Inclusiva. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT\\_11\\_17\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_17_2010.pdf)>. Acesso em: 15/09/2015.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; AQUINO, Josefa de Lima Fernandes. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: O que o professor pratica?. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.25, n.02, p.223-240. Agosto, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/10.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

PERRENOUD, P. *Avaliação: de excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RIBEIRO, Gillianderson Freitas; LIMA, Tânia de Souza; SANTOS, Marilda Carneiro. Inclusão Escolar em Feira de Santana: Caracterização da Prática Pedagógica. *In educação inclusiva, Deficiência e contexto social: Questões contemporâneas*. Salvador, 2009 p. 93. EDUFBA. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285.pdf>>. Acesso em: 10/09/15.

SAMPAIO, Amanda Maria. A Síndrome de Down no Contexto Familiar e Social. *Revista Eventos Pedagógicos* v.3, n.1, Número Especial, p. 276 – 286, Abr. 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/544/357>>. Acesso

em: 02/09/2015.

SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar?: Como avaliar?: Critérios e instrumentos. 3ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Elisangela Oliveira. Síndrome de Down: o olhar da família e da professora na educação inclusiva. Universidade Presbiteriana Mackenzie Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Curso de Ciências Biológicas. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias\\_Biologicas/1o\\_2012/Biblioteca\\_TCC\\_Lic/2011/1o\\_2011/Elisangela\\_Oliveira\\_da\\_Silva.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2011/1o_2011/Elisangela_Oliveira_da_Silva.pdf)>. Acesso em: 02/09/2015.

SOUZA, Jane Aparecida Gonçalves. Práticas avaliativas: reflexões. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a17.pdf>>. Acesso em: 10/09/15.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Questionário para o Professor do AEE

#### Roteiro para o Professor do AEE

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre o **Processo de Avaliação da Aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração concedendo entrevista sobre o tema.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Silvane Oliveira Dias

Horário do início da entrevista: \_\_\_\_\_

#### **Informações sobre o professor entrevistado**

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Sexo

( ) masculino ( ) feminino

2 - Idade

( ) Até 24 anos ( ) 25 a 35 anos ( ) 36 a 45 anos ( ) 46 a 55 anos

( ) Mais de 55 anos

3 - Estado civil

( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Viúvo(a) ( ) Divorciado(a)/Separado(a)

4 – Filhos

( ) Sim Quantos? (\_\_\_\_) ( ) Não

5 - Formação:

( ) Magistério ( ) Especialização em educação inclusiva

( ) Superior \_\_\_\_\_ ( ) Outros \_\_\_\_\_

6 - Há quanto tempo você trabalha como professora?

- ( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos
- ( ) Mais de 20 anos

7 - Há quantos anos exerce esta função nesta escola?

- ( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos
- ( ) Mais de 20 anos

9 - Você participa de cursos de formação continuada?

- ( ) sim ( ) não

10 - Que espaços de formação lhe são oferecidos?

- ( ) oficinas ( ) orientações pedagógicas ( ) grupos de estudo
- ( ) Outros \_\_\_\_\_.

Com que frequência ocorrem?

- ( ) semanalmente ( ) quinzenalmente ( ) mensalmente
- ( ) outros \_\_\_\_\_

**Informações e posicionamento do professor com relação ao aluno - foco**

Esta pesquisa visa obter informações para posterior análise sobre os meios de avaliação da aprendizagem adotados no atual sistema de ensino, apresentando foco na avaliação da aprendizagem da aluna J.E com Síndrome de Down, do 1º Ano do Ciclo da Alfabetização do Ensino Fundamental do turno Vespertino, da rede pública municipal de Ipatinga.

11 - Quais as estratégias utilizadas para auxiliar à aprendizagem da aluna?

---

---

---

12 - Que instrumentos você usa para avaliar a aluna com Síndrome de Down?

---

---

---

13 - A avaliação da aprendizagem contribui para o desenvolvimento da aluna? Como?

---

---

---

14 - A aluna corresponde as suas expectativas em relação a essas estratégias utilizadas?

---

---

---

15 - A parceria do ensino do professor regente auxilia no seu trabalho na sala de recursos multifuncional (AEE)? De que forma?

---

---

---

16- Você gostaria de destacar algo mais sobre o processo avaliativo, ou outros fatores que considera relevantes dentro da sua prática do dia-a-dia com a aluna?

---

---

---

17- De que forma avaliam o aluno com Síndrome de Down? O que percebem como práticas mais adequadas e exitosas para esses alunos, etc.

---

---

---

Horário do término da entrevista:\_\_\_\_\_

**Apêndice B - Questionário para o Professor Regente****Roteiro para o Professor Regente**

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre o **Processo de Avaliação da Aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração concedendo entrevista sobre o tema.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Silvane Oliveira Dias

Horário do início da entrevista: \_\_\_\_\_

**Informações sobre o professor entrevistado**

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Sexo

masculino     feminino

2 - Idade

Até 24 anos     25 a 35 anos     36 a 45 anos     46 a 55 anos

Mais de 55 anos

3 - Estado civil

Solteiro(a)     Casado(a)     Viúvo(a)     Divorciado(a)/Separado(a)

4 – Filhos

Sim Quantos? (\_\_\_\_)                       Não

5 - Formação:

Magistério                       Especialização em educação inclusiva

Superior \_\_\_\_\_     Outros \_\_\_\_\_

6 - Há quanto tempo você trabalha como professora?

( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos ( ) Mais de 20 anos

7 - Há quantos anos exerce esta função nesta escola?

( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos ( ) Mais de 20 anos

9 - Você participa de cursos de formação continuada?

( ) sim ( ) não

10 - Que espaços de formação lhe são oferecidos?

( ) oficinas ( ) orientações pedagógicas ( ) grupos de estudo

( ) Outros \_\_\_\_\_.

Com que frequência ocorrem?

( ) semanalmente ( ) quinzenalmente ( ) mensalmente

( ) outros \_\_\_\_\_

**Informações e posicionamento do professor com relação ao aluno - foco**

Esta pesquisa visa obter informações para posterior análise sobre os meios de avaliação da aprendizagem adotados no atual sistema de ensino, apresentando foco na avaliação da aprendizagem da aluna J.E com Síndrome de Down, do 1º Ano do Ciclo da Alfabetização do Ensino Fundamental do turno Vespertino, da rede pública municipal de Ipatinga.

11 - Quais as estratégias utilizadas para auxiliar à aprendizagem da aluna?

---

---

---

---

12 - Que instrumentos você usa para avaliar a aluna com Síndrome de Down?

---

---

---

---

13 - A avaliação da aprendizagem contribui para o desenvolvimento da aluna? Como?

---

---

---

---



14 - A aluna corresponde as suas expectativas em relação a essas estratégias utilizadas?

---

---

---

---

15 - A parceria do ensino da sala de recursos multifuncional (AEE) auxilia em seu trabalho? De que forma?

---

---

---

---

16- Você gostaria de destacar algo mais sobre o processo avaliativo, ou outros fatores que considera relevantes dentro da sua prática do dia-a-dia com a aluna?

---

---

---

---

17- De que forma avaliam o aluno com Síndrome de Down? O que percebem como práticas mais adequadas e exitosas para esses alunos, etc.

---

---

---

---

Horário do término da entrevista:\_\_\_\_\_

## Apêndice C - Questionário para o Professor Monitor

### Roteiro Para o Monitor

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre o **Processo de Avaliação da Aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração concedendo entrevista sobre o tema.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Silvane Oliveira Dias

Horário do início da entrevista: \_\_\_\_\_

#### **Informações sobre o professor entrevistado**

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Sexo

masculino     feminino

2 - Idade

Até 24 anos     25 a 35 anos     36 a 45 anos     46 a 55 anos

Mais de 55 anos

3 - Estado civil

Solteiro(a)     Casado(a)     Viúvo(a)     Divorciado(a)/Separado(a)

4 – Filhos

Sim Quantos? (\_\_\_\_)                       Não

5 - Formação:

Magistério                       Especialização em educação inclusiva

Superior \_\_\_\_\_     Outros \_\_\_\_\_

6 - Há quanto tempo você trabalha como professora/ monitora?

( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos

( ) Mais de 20 anos

7 - Há quantos anos exerce esta função nesta escola?

( ) Até 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Entre 10 e 20 anos

( ) Mais de 20 anos

9 - Você participa de cursos de formação continuada?

( ) sim ( ) não

10 - Que espaços de formação lhe são oferecidos?

( ) oficinas ( ) orientações pedagógicas ( ) grupos de estudo

( ) Outros \_\_\_\_\_.

Com que frequência ocorrem?

( ) semanalmente ( ) quinzenalmente ( ) mensalmente

( ) outros \_\_\_\_\_

**Informações e posicionamento do professor com relação ao aluno - foco**

Esta pesquisa visa obter informações para posterior análise sobre os meios de avaliação da aprendizagem adotados no atual sistema de ensino, apresentando foco na avaliação da aprendizagem da aluna J.E com Síndrome de Down, do 1º Ano do Ciclo da Alfabetização do Ensino Fundamental do turno Vespertino, da rede pública municipal de Ipatinga.

11 - Quais as estratégias utilizadas para auxiliar à aprendizagem da aluna?

---



---



---

12 - Que instrumentos você usa para avaliar a aluna com Síndrome de Down?

---



---



---

13 - A avaliação da aprendizagem contribui para o desenvolvimento da aluna? Como?

---



---

---

---

14 - A aluna corresponde as suas expectativas em relação a essas estratégias utilizadas?

---

---

---

---

15 - A parceria do ensino do professor regente auxilia no seu trabalho na sala de aula com a aluna? De que forma? E o professor da Sala de Recurso Multifuncional ( AEE) em que contribui?

---

---

---

---

16- Você gostaria de destacar algo mais sobre o processo avaliativo, ou outros fatores que considera relevantes dentro da sua prática do dia-a-dia com a aluna?

---

---

---

---

17- De que forma avaliam o aluno com Síndrome de Down? O que percebem como práticas mais adequadas e exitosas para esses alunos, etc.

---

---

---

---

Horário do término da entrevista: \_\_\_\_\_

## ANEXOS

### Anexo A - Carta de Apresentação (diretor)



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

#### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a)

---

\_\_que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

---

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e

Inclusão Escolar: **Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diva Albuquerque Maciel**

### Anexo B - Aceite Institucional (diretor)



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

#### Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), da \_\_\_\_\_ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa sobre o **Processo de Avaliação da Aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Educação Regular**, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Silvane Oliveira Dias, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre Ana Cláudia Rodrigues Fernandes.

O estudo envolve a realização de gravações em vídeo, áudio, fotos das situações cotidianas e rotineiras da escola, entrevistas, observações, questionários, etc. do atendimento \_\_\_\_\_ (*local na instituição a ser pesquisado*) com \_\_\_\_\_ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de \_\_\_\_\_ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em \_\_\_\_\_ e término em \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), \_\_\_\_\_ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
 Nome do (a) responsável pela instituição

\_\_\_\_\_  
 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

### Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professores)



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre o **Processo de Avaliação da Aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Educação Regular**. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de gravações em vídeo, áudio, fotos das situações cotidianas e rotineiras da escola, entrevistas, observações, questionários, etc.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como gravações em áudio, fotos das situações cotidianas e rotineiras da escola, roteiro da entrevista previamente preenchidos, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (31) 3251 8047 ou no endereço eletrônico dias.silvane@bol.com.br. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Professor

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_

## Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais)



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_ . Assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_

Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

Nome do Pai/Responsável: \_\_\_\_\_

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_